

IV JORNADA SUL-BRASILEIRA DE CARTÉIS  
2021  
BRUNA RAFAELA MAGALHÃES DE AZEVEDO

Um Cartel a três + 1

Este trabalho é resultado de um cartel sobre Estruturas Clínicas e suas reverberações após um ano de sua dissolução, as quais suscitaram questões acerca do próprio dispositivo. Por ser uma experiência nova, constato que meu principal foco na época consistia em determinar a bibliografia a ser estudada, tendo em vista minha referência com grupos de estudos acadêmicos.

Por retroação, todavia, observo que desconhecia as peculiaridades de um cartel e sua grande diferença de um grupo de estudos, além da função do mais um, a qual fui convocada. É a partir desta falta de saber que condenso neste texto uma resposta provisória encontrada em diversos textos em Outros Escritos.

No ato de fundação de sua Escola de Psicanálise<sup>1</sup>, Jacques Lacan denuncia os desvios em relação à verdade que Freud evidenciou em sua invenção da Psicanálise e propõe um resgate ao trabalho original de Freud, que o norteará em sua investigação acerca do inconsciente. Assim como Lacan, proponho resgatar os conceitos fundamentais que delimitam um cartel.

Em sua investigação, Lacan cria um dispositivo, como um pequeno grupo de estudos, que não ultrapassasse seis pessoas, destacando “Um” integrante responsável pela seleção, discussão, e destino do trabalho de cada um, desde que após um determinado tempo houvesse permuta entre os integrantes com outros grupos o qual ele nomeou de Cartel<sup>1</sup>.

Entre os participantes de cada grupo não haveria hierarquia, para que o conhecimento alcançado fosse resultado do próprio percurso em conjunto, ou seja, advindo da própria experiência do cartel, numa relação circular em que o resultado das experiências de cada integrante seria condensado em um produto a ser compartilhado com a escola como testemunho e interlocução, em um pacto de compromisso com o trabalho.

Portanto, somente através do trabalho é possível transmitir a Psicanálise de um sujeito para outro, tendo como condição imprescindível a transferência. A partir disso, Lacan irá dizer que seus seminários “não fundarão nada, caso eles não façam referência a essa transferência.”<sup>1</sup>. Pois, “nenhum ensino fala do que é a psicanálise”<sup>2</sup>, enfatiza em sua Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola, e diz mais ainda em alocação sobre o ensino “que algo seja para vocês, ao nos exprimirmos assim, um ensino não significa que com ele vocês tenham aprendido alguma coisa, que dele resulte um saber”<sup>3</sup>.

Sendo assim Lacan coloca a transferência como o início, motor e obstáculo da transmissão da Psicanálise<sup>2</sup> e propõe um outro tipo de saber, um saber que deriva da experiência da própria transferência, designado pelo discurso da histórica, “um saber como produção do próprio significante-mestre, em posição de ser interrogado pelo sujeito elevado a agente”<sup>3</sup>, ou seja, um Enigma. Assim, quando o discurso da histeria se articula ao discurso do analista, o saber ocupa o lugar da verdade.

Então é somente no discurso analítico que o saber e a verdade coincidem, à medida que o sujeito, na associação livre, eleva seus significantes a significantes-mestres, numa produção de saber, na qual é impossível de ser ensinada. Portanto, Lacan situa um antagonismo entre o ensino e o saber, porém aponta que o caminho para sua resolução seria caminho da ciência, ou seja, o saber do mestre <sup>3</sup>.

Nisto podemos ver a articulação entre a produção e o produto do saber, sendo a produção dos significantes oriundos das relações transferenciais de trabalho, e o produto sendo o resultado de um saber, a ser apresentado a comunidade científica, ou no caso a escola, como ressalta em “Alocução Sobre o Ensino”<sup>3</sup>.

Isto faz de suma importância o “confronto contínuo entre pessoas que tenham a experiência da didática e candidatos em formação.” Devidos “às exigências profissionais, a todos que levam o analisante em formação a assumir uma responsabilidade, por menos analítica que seja”, enfatiza em seu Ato de Fundação. Dessa maneira Lacan introduz dois momentos de junção “a psicanálise em extensão” e a “psicanálise em intensão”. O primeiro envolve a função da escola enquanto a segunda a didática que prepara os operadores para a função de psicanalista.

É na articulação entre a extensão e intensão que Lacan evidencia o problema da Psicanálise de sua época, que reside na articulação entre o objeto e objetivo da Psicanálise no fim de análise. Ao constatar esta falha, Lacan propõe um trabalho de acolhimento desta falha, para que nela possa se encontrar a articulação que faltava e colocá-la em ação, pois segundo ele, somente na hiância posta em ação é que a falha pode ser útil. A partir disso, podemos pensar sobre a diferença entre o saber do mestre ou da Ciência e o saber do psicanalista, enquanto o primeiro busca o saber a partir do saber que falta, o segundo usa da falta como motor para se construir um saber <sup>2</sup>.

Assim nasce o Cartel e sua função, como um sistema que se retroalimenta entre a Psicanálise em intensão e extensão, com o objetivo de articular as falhas do campo psicanalítico. Um cartel não é uma análise que se passa entre dois personagens, porém se faz da transferência entre os integrantes, com a função do “Mais um”, para dar a direção do trabalho, e apontar seus limites assim como uma das funções do analista. Tampouco se trata de um ensino, ou mera produção acadêmica, pois o produto é oriundo de um enigma que nasce da própria relação entre os cartelizantes.

Portanto, pode-se dizer que a Psicanálise se sustenta enquanto há transferência. O que diferencia um Cartel de qualquer grupo de estudos. Por isso, Lacan determinou regras para delimitar um Cartel, tais como: a quantidade de integrantes, a permuta entre os participantes após um tempo decorrido, a dissolução do grupo inteiro com a saída de apenas um integrante, e assim por diante. Da mesma forma que há regras para a realização do trabalho entre um psicanalista e um psicanalisante.

A transferência, apesar de ser uma relação entre dois personagens num *setting* analítico, apenas se estabelece a partir de uma relação ternária, a saber, o real, simbólico e o imaginário. Na medida em que o significante é introduzido no discurso, o que instaura o sujeito suposto saber, ou seja, quando um significante representa o sujeito para o outro significante, sem o qual não haveria sujeito <sup>2</sup>.

Isto implica num obstáculo à intersubjetividade, sendo o sujeito inexistente *a priori*, pois depende de uma cadeia de significantes para que este seja representado entre eles. O sujeito suposto saber, portanto também não existe, mas é a partir dele que toda a transferência se desenrola. Então o que é o sujeito suposto saber? Na proposição, Lacan explicita que o sujeito é suposto, não por alguém, tampouco o analisante precisa supor ele, mas se trata de uma hipótese que se levanta a partir dos significantes enunciados, que se aproximam do saber <sup>2</sup>.

Assim, o que importa é a relação direta do psicanalista com o sujeito suposto saber, saber este que o psicanalista nada sabe *a priori* de seu analisante, mas precisa descobrir. Se a Psicanálise assim se funda através da transferência, por consequência um cartel se desenrola em torno do sujeito suposto saber, em torno de uma questão. <sup>2</sup>

Porém, esta questão não coincide com o tema a ser estudado pelo grupo, pois sujeito suposto saber aparece *a posteriori*, o que implica num tempo lógico, que Lacan descreve como “retroação”. A retroação só é possível a partir de um fim, na delimitação de seu fim que se pode inferir o que veio antes. É este efeito de tempo que, para Lacan, torna a Psicanálise uma experiência original <sup>2</sup>.

Desta maneira, qualquer experiência que tenha um começo e um fim, independente do tempo decorrido, pode produzir um saber se colocada a trabalho, como uma análise ou escrita. É a partir disso que Lacan evidencia a importância da dissolução de um cartel, pois não é do tempo cronológico que se trata, mas de uma experiência que se inaugura quando dois momentos são delimitados, uma data de início e uma data de fim. A conclusão de fato vem apenas *a posteriori* condensado em um produto.

O produto é o resultado esperado da dissolução de um cartel, um saber a ser construído, parcial e compartilhado. Lacan propôs a dissolução como um ato simbólico, para lembrar que todos estão sozinhos com a Causa Freudiana, assim como ele. Porém não isolados, tampoucos únicos, o trabalho só é possível em rede. <sup>4 5</sup>

A rede que se trata é a expansão do ato psicanalítico. Por isso a dissolução é tão importante, para haver permuta entre as pessoas. Trata-se de um recurso simbólico que Lacan deixou, uma intervenção diante dos efeitos nefastos do imaginário, “efeitos de cola”. A dissolução consiste na introdução do significante no discurso, um ato psicanalítico que produz uma falta.<sup>5</sup>

Por ser toda relação dual que se faz necessária a inclusão do terceiro, pois sua característica principal é a reciprocidade, ou seja, ver e ser visto, atacar e ser atacado, etc. Isto implica numa equivalência entre as duas posições. Portanto toda relação dual é imaginária e real. O imaginário é o reino da agressividade, da frustração, da reivindicação sem limites. Já a castração, visto que é simbólica, é justamente o efeito da dissolução. Aquilo que pode se transformar a partir de um ato análitico<sup>6</sup>.

Então um cartel foi criado para existir nesta trindade, num nó borromeu, no qual cada aro existe independentemente, e que se enlaçam sem se perfurar ou se amarrar, e que se soltam diante de ruptura<sup>5</sup>. Neste caso, o “Mais Um” é aquele quarto enlace que introduz a dialética e faz presentificar em ato a estrutura, faz valer a regra.

Em conclusão, o cartel é uma experiência inédita que contém em sua própria estrutura os conceitos psicanalíticos. Assemelha-se a um processo de análise, por ser imprescindível a transferência de trabalho, desejo de saber em sua relação com o sujeito suposto saber. O “Mais Um”, portanto, ocupa a função de direção do trabalho, da mesma maneira que um analista também desempenha uma função na direção do tratamento, não para dirigir as pessoas, mas aquele que situa as regras de funcionamento, ou seja que desempenha uma função simbólica.

#### Referências:

1. LACAN, Jacques. Ato de Fundação [1964-1971]. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 235-247.
2. LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967- Proposição sobre o psicanalista da Escola, p. 29-42. In: Documentos para uma Escola- Publicação da Letra Freudiana- Escola, Psicanálise e Transmissão, Rio de Janeiro, ano 1, n.0.
3. LACAN, Jacques. (1970). "Alocução sobre o ensino" In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
4. LACAN, Jacques. (1980/2003). Carta de dissolução. In J. Lacan. *Outros escritos* (Vera Ribeiro, Trad.) (p. 319-320). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
5. LACAN, Jacques. (1967b). "Discurso na Escola Freudiana de Paris" In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
6. LACAN, Jacques. (1956-57). *O seminário – livro 4: a relação de objeto*. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.